PRODUÇÃO DE CEBOLA NO BRASIL

CULTURA DE CURTO CICLO DE PRODUÇÃO, A CEBOLA ENCONTRA CONDIÇÕES CLIMÁTICAS FAVORÁVEIS AO SEU PLANTIO, NO PAÍS. VÁRIAS SAFRAS SÃO OBTIDAS EM UM MESMO ANO, ACARRETANDO, FREQÜENTEMENTE, EXCESSO DE OFERTA, DEVIDO À COINCIDÊNCIA DOS CALENDÁRIOS DE DIFERENTES REGIÕES PRODUTORAS. O PROCESSO DE COMERCIALIZAÇÃO, POR SUA VEZ, APRESENTA INÚMEROS PROBLEMAS, PRINCIPALMENTE NA REGIÃO NORDESTE.

A cebola é consumida em larga escala, no Brasil, sobretudo *in natura*, como condimento, e só é ultrapassada em termos de valor da produção, entre as olerícolas, pelo tomate e pela batata. Em relação ao sistema produtivo e à comercialização, apresenta, basicamente, os mesmos problemas das demais olerícolas.

A cultura da cebola predomina em pequenos estabelecimentos, requerendo o emprego intensivo de mão-de-obra e dos chamados insumos modernos, além de ser bastante exigente quanto ao clima e ao solo. Segundo dados do **Censo Agropecuário de 1980**, cerca de 92% da lavoura são cultivados de modo não consorciado, concentrando-se em propriedades de 10 ha a menos de 100 ha e utilizando, em especial, sementes selecionadas, defensivos e fertilizantes, aliados, muitas vezes, à prática da irrigação. Essa combinação, embora assegure boa produtividade, implica um alto custo de produção, quando comparada com lavouras exploradas de forma extensiva.

No Brasil, em virtude de condições climáticas favoráveis e do curto ciclo de produção, são obtidas várias safras em um mesmo ano, nas diferentes regiões produtoras, o que acarreta a forte sazonalidade da oferta de cebola. Conforme demonstram os Quadros 01 e 02, a coincidência destas safras é o principal fator a deprimir o mercado. No início dos anos 80, a produção registrou um aumento médio anual de apenas 2%. Analisando-se um período maior, porém, visando à melhor interpretação da conjuntura atual deste mercado, verifica-se que, entre 1973 e 1983, a produção apresentou um incremento expressivo, evoluindo a uma taxa média de 10% a.a., em decorrência, principalmente, do acréscimo médio anual de 6% na produtividade física (ver Quadro 03).

O estado de São Paulo concentra a maior parte das lavouras, tendo participado, em média, com 36% do total produzido no período 1973–83, seguido pelo Rio Grande do Sul, com 28% e Santa Catarina, com 14%. Pernambuco e Bahia detiveram, respectivamente, 11% e 5% do total (ver Quadro 04).

A partir de 1976, o aumento do rendimento médio do cultivo paulista, de 6.030 kg/ha em 1973 para 16.235 kg/ha em 1984, foi o principal responsável pelo significativo crescimento da produção. Durante o ano, são colhidas algumas safras nas diversas microrregiões produtoras paulistas, mediante o cultivo de cebola de mudas ou pelo **sistema de bulbinho** ou de **soqueira** (consiste no replantio dos bulbos da safra de mudas). Por esse sistema, predominante sobretudo na Microrregião de Paranapiacaba, onde se destaca o município de Piedade, a cebola é colhida geralmente de maio a julho e destina-se ao abastecimento no período de entressafra das demais regiões produtoras.

O Rio Grande do Sul, que perdeu para São Paulo a hegemonia na produção do país, em 1976, passou à condição de segundo produtor, em razão do acentuado decréscimo de 5% verificado em seu rendimento físico médio, que involuiu de 7.126 kg/ha em 1973, para 6.746 kg/ha em 1984 (inferior à média brasileira registrada no período 1973–1983, como demonstra o Quadro 04). As lavouras gaúchas são praticamente as únicas produtoras de sementes em escala comercial e a persistência de métodos tradicionais no cultivo impediu avanços na produção. Geralmente, a safra do Rio Grande do Sul é plantada em julho e agosto e colhida no final do mesmo ano e início do seguinte.

Já em Santa Catarina, onde o plantio e a colheita são realizados quase na mesma época da safra gaúcha, o rendimento médio, ao contrário, aumentou 65% entre 1973 e 1984, passando de 5.971 kg/ha para 9.140 kg/ha.

Também considerada importante região produtora, o Vale do São Francisco, que engloba municípios de Pernambuco(*) e da Bahia, colhe entre junho e setembro, com maior concentração nos dois primeiros meses do período. Nessa região, os problemas de comercialização são normalmente agravados, em caso de excesso de oferta, pois, além das varie-

(*) **Embora seja o quarto produtor brasileiro, esse estado obteve, logo abaixo de São Paulo, uma produtividade bem acima da média brasileira do período 1973–83 (ver Quadro 04).**

QUADRO 01 – BRASIL – CEBOLA – DISTRIBUIÇÃO MENSAL[1] (%) DO PLANTIO, SEGUNDO O CENSO AGROPECUÁRIO DE 1980

PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES	DISTRIBUIÇÃO MENSAL (%) DA ÁREA PLANTADA												
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	SEM DECLARAÇÃO
Pernambuco	9,75	23,02	18,71	13,70	10,79	7,88	4,19	5,39	4,07	0,98	0,55	0,92	0,07
Bahia	12,54	27,79	30,01	8,43	8,8	3,5	2,23	1,3	2,38	0,92	0,94	1,04	0,13
São Paulo[2]	2,56	31,92	28,28	6,19	2,44	8,64	14,94	3,67	0,63	0,44	0,08	0,07	0,15
Santa Catarina	0,29	0,21	0,25	0,25	1,1	7,75	19,35	47,88	19,67	2,69	2,78	0,01	2,78
Rio Grande do Sul[2]	0,19	0,09	0,14	0,53	1,44	5,17	10,24	75,03	6,5	0,51	0,07	0,01	0,11
BRASIL	3,45	12,59	12,77	5,36	4,92	9,57	14,25	27,32	7,61	1,31	0,32	0,32	0,23

FONTE – Atualização do trabalho denominado "Distribuição e Sazonalidade da Produção Agrícola" 1980 – FGV/IBRE/CEA.

LEGENDA – • Concentração do plantio.

[1] A soma das percentagens nem sempre corresponde a 100,00, devido ao arredondamento de dados.

[2] No tocante à distribuição e concentração mensal do plantio, os cálculos foram efetuados prioritariamente, a partir das informações referentes à "Área Plantada" e, na falta destas, foram utilizados os dados de "Quantidade Plantada", conforme a disponibilidade.

NOTA – A concentração na área plantada se expressa por um mínimo de 70% para o somatório dos percentuais mensais, incluindo os constantes da coluna denominada "Sem Declaração".

QUADRO 02 – BRASIL – CEBOLA – DISTRIBUIÇÃO MENSAL[1] (%) DA COLHEITA, SEGUNDO O CENSO AGROPECUÁRIO DE 1980

PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES	DISTRIBUIÇÃO MENSAL (%) DA QUANTIDADE COLHIDA												
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	SEM DECLARAÇÃO
Pernambuco	0,62	0,44	2,50	4,85	10,68	20,69	16,42	16,01	11,22	5,85	4,91	5,77	0,07
Bahia	0,33	0,29	3,38	6,4	6,42	33,09	27,52	11,95	3,98	1,85	2,04	2,63	0,15
São Paulo	0,28	0,25	0,37	0,71	11,93	15,96	17,64	12,12	10,1	4,99	13,8	11,68	0,16
Santa Catarina	21,01	1,14	0,11	0,14	0,15	0,16	0,08	0,06	0,12	0,43	5,32	71,07	0,22
Rio Grande do Sul	2,88	0,52	0,12	0,03	0,04	0,09	0,01	0,04	0,09	0,44	3,11	92,52	0,1
BRASIL	4,89	0,57	0,81	1,54	5,84	10,61	10,21	7,21	5,49	3,49	8,0	41,2	0,15

FONTE – Atualização do trabalho denominado "Distribuição e Sazonalidade da Produção Agrícola" 1980 – FGV/IBRE/CEA.

LEGENDA – ▪ Concentração da Colheita.

[1] A soma das percentagens nem sempre corresponde a 100,00, devido ao arredondamento de dados.

NOTA – A concentração na quantidade colhida se expressa por um mínimo de 70% para o somatório dos percentuais mensais, incluindo os constantes da coluna denominada "Sem Declaração".

dades de cebola produzidas no Nordeste serem mais perecíveis, a maior distância dos grandes centros consumidores e o conseqüente encarecimento do frete, tornam o produto nordestino menos competitivo em relação aos do Sudeste e Sul do país.

Notadamente a partir de 1976, a produção nacional de cebola, impulsionada principalmente pela proibição das importações do produto em 1975, registrou significativa expansão, praticamente equiparando-se à demanda. Nos anos anteriores, como a oferta não era suficiente para suprir o abastecimento interno, tinha-se que recorrer permanentemente ao mercado externo. A princípio, as divisas gastas com aquisição do produto eram bastante reduzidas, até que, em 1973, o país despendeu US$ 7,153 milhões—**CIF**, correspondentes à importação de 48 mil t de cebola fresca ou refrigerada (ver Quadro 05).

Outra vez em 1978, embora a produção continuasse ascendendo, a sensível queda da safra gaúcha, que abastece o mercado dos grandes centros consumidores quase exclusivamente no período de dezembro a maio, provocou crises no abastecimento, levando o **Conselho Nacional de Política Aduaneira** a autorizar importações. Ao contrário, em outubro desse mesmo ano, a chegada do produto importado (32 mil t de cebola, no valor de US$ 9,027 milhões—**CIF**) e mais as colheitas provenientes das regiões produtoras do Vale do São Francisco e de São Paulo, acarretaram um excesso de oferta e conseqüente redução dos preços.

Também em razão do aumento da oferta, ocasionada pela coincidência de safras em 1979, a comercialização foi seriamente dificultada. Já em 1980, a frustração da safra do município paulista de Piedade tornou o abastecimento bastante irregular entre maio e julho, provocando alta excessiva dos preços em todos os segmentos da comercialização (ver Gráfico 01). Novamente em 1981, a superprodução registrada no Sul do país deprimiu acentuadamente as cotações. Conforme se verifica no Quadro 06, as taxas das variações mensais dos preços recebidos pelos produtores dos principais estados foram bem inferiores às da inflação, durante quase todo o ano de 1981.

QUADRO 03 – BRASIL – CEBOLA – EVOLUÇÃO DA ÁREA COLHIDA, DA PRODUÇÃO E DO RENDIMENTO – 1973 A 1984

ANO	ÁREA COLHIDA (ha)	VARIAÇÃO (%)	PRODUDUÇÃO (t)	VARIAÇÃO (%)	RENDIMENTO (kg/ha)	VARIAÇÃO (%)
1973	49.303		306.648		6.220	
1974	52.847	7,2	336.221	9,6	6.362	2,3
1975	52.258	–1,1	346.484	3,1	6.630	4,2
1976	57.619	10,3	430.781	24,3	7.476	12,8
1977	61.095	6,0	487.661	13,2	7.982	6,8
1978	56.523	–7,5	488.498	0,2	8.642	8,3
1979	69.101	22,3	691.071	41,5	10.000	15,7
1980	67.044	–3,0	694.585	0,5	10.360	3,6
1981	74.250	10,7	778.403	12,1	10.484	1,2
1982	62.342	–16,0	669.240	–14,0	10.735	2,4
1983	67.174	7,8	724.583	8,3	10.787	0,5
1984[1]	67.757		707.368		10.440	

FONTE – IBGE.

[1] Não é ainda a estimativa em nível nacional e, portanto, só pode ser comparada com os resultados obtidos na mesma área geográfica de 1983, quando foram colhidas 715.931 t de cebola (–1,2% em 1984) numa área de 65.413 ha (+3,6 em 1984), correspondente a um rendimento médio de 10.945 kg/ha (–4,6% em 1984).

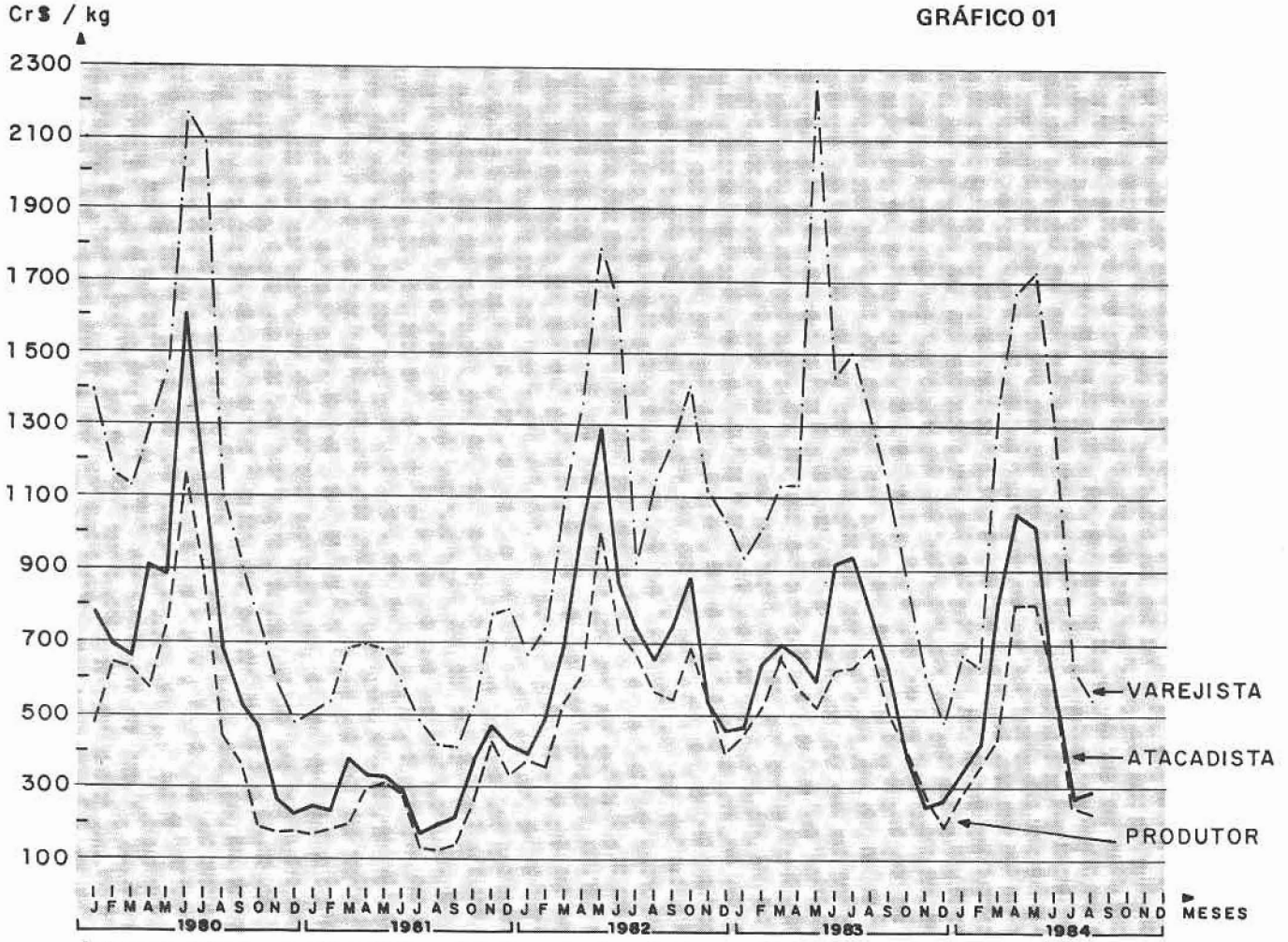
QUADRO 04 – BRASIL – PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES DE CEBOLA NA PRODUÇÃO TOTAL – MÉDIA DO PERÍODO 1973 A 1983

ESTADO	PRODUÇÃO (t)	PARTICIPAÇÃO NO TOTAL (%)	ÁREA (ha)	PARTICIPAÇÃO NO TOTAL (%)	RENDIMENTO (kg/ha)
São Paulo	195.847	36,2	15.160	24,9	12.919
Rio Grande do Sul	149.465	27,6	20.463	33,6	7.304
Santa Catarina	75.707	14,0	7.673	12,6	9.867
Pernambuco	57.514	10,6	4.922	8,1	11.685
Bahia	24.705	4,6	2.975	4,9	8.304
TOTAL DO GRUPO	503.238	93,0	51.193	84,1	9.830
OUTROS	38.051	7,0	9.676	15,9	3.933
BRASIL	541.289	100,0	60.869	100,0	8.893

FONTE – IBGE.

ESTADO DE SÃO PAULO – PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS* NO NÍVEL DO PRODUTOR E NOS MERCADOS ATACADISTA E VAREJISTA – JUNHO/80 A AGOSTO/84

GRÁFICO 01



* Valores corrigidos pelo IGP–DI, Coluna 2 de Conjuntura Econômica para julho de 1984.
FONTE – FGV/IBRE/CEA, Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal – Minagri e IEA/SP.

Devido ao desestímulo dos preços praticados em 1981, dentre outros fatores, a produção de cebola em 1982, pela primeira vez desde 1973, registrou considerável decréscimo, de 14% em relação à obtida no ano anterior (778 mil t). Em conseqüência, os preços situaram-se em níveis bastante elevados, motivando novo aumento do plantio, em 1983. De acordo com o Quadro 06, as variações percentuais desses preços superaram as da inflação, ao longo de todo o ano de 1982, nos mais importantes estados produtores, o que, se por um lado beneficiou os produtores, por outro provocou certa retração no consumo.

Atualmente, em decorrência de condições climáticas desfavoráveis bem como dos baixos preços registrados no ano passado, é esperada uma produção da ordem de 707 mil t e, portanto, cerca de 1,3% inferior à obtida em 1983, na mesma área geográfica (716 mil t).

No Sul do país, as enchentes provocaram considerável quebra no rendimento médio e conseqüente declínio da produção, em torno de 7% no Rio Grande do Sul e 12% em Santa Catarina. No entanto, conforme já ocorreu em outros anos, houve excesso de oferta, gerado pela coincidência das safras da Região do Vale do São Francisco e de São Paulo, que dificultou a comercialização. O aviltamento dos preços levou a **Cobal** a adquirir o excedente de produção do Nordeste a preços inferiores ao custo de produção, para evitar que toneladas de cebola fossem novamente jogadas no rio São Francisco.

Através dessa análise, constata-se que, não obstante a produção venha apresentando tendência crescente, a irregularidade da oferta ao longo do ano, ao se refletir na formação dos

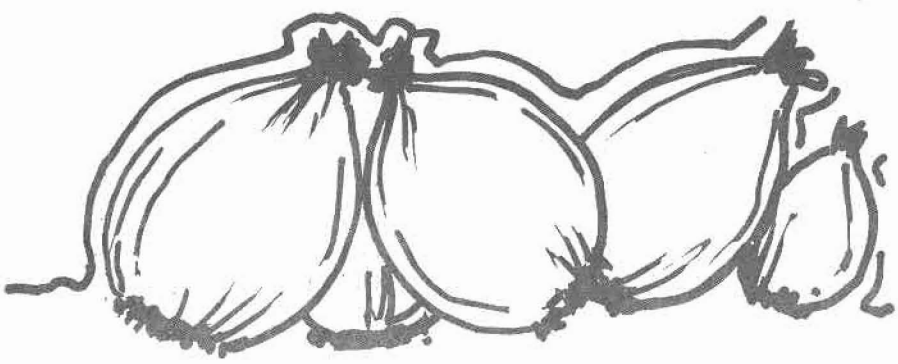
QUADRO 05 – BRASIL – EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DE CEBOLA – 1970 A 1983

ANO	FRESCA OU REFRIGERADA			SECA OU DESIDRATADA		
	Quantidade (t)	Valor (US$ 1.000 CIF)	Preço médio (US$/t)	Quantidade (t)	Valor (US$ 1.000 CIF)	Preço médio (US$/t)
1970	2.507	304	121	–	–	–
1971	16.169	1.771	110	40	44	1.100
1972	14.280	1.398	98	158	76	481
1973	48.414	7.153	148	91	87	956
1974	19.242	3.101	161	134	278	2.075
1975	1.289	301	234	10	27	2.700
1976	4	2	500	104	233	2.240
1977	13	6	462	133	298	2.241
1978	32.100	9.027	281	103	311	3.019
1979	118	68	576	160	560	3.500
1980	–	–	–	243	922	3.794
1981	–	–	–	118	586	4.966
1982	–	–	–	–	–	–
1983	–	–	–	118	345	2.924

FONTE – CIEF/Ministério da Fazenda.

preços de mercado, tem ocasionado repetidas crises no abastecimento interno. Em épocas de superprodução, decorrente sobretudo da coincidência de safras de diferentes regiões produtoras, os preços atingem níveis muito baixos, por vezes tornando economicamente inviável a própria colheita. Isto desestimula o plantio no período seguinte, acarretando forte escassez e conseqüente elevação das cotações, até que se inverta novamente o ciclo.

O processo de comercialização da cebola, a exemplo de outras olerícolas, além de entravado por excessiva intermediação, apresenta inúmeros problemas, destacando-se, no caso do Nordeste, a deficiência de infra-estrutura de armazenamento e transporte, que dificulta, sobretudo quando ocorre a coincidência das safras, a entrada do produto dessa região no circuito comercial. Esse processo se desenvolve de várias formas, sendo a mais comum a seguinte: o produto, depois de colhido, enrestiado ou ensacado, é canalizado, através de intermediários, ao atacadista do local de origem, passando ou não pelos **Mercados do Produtor**, até chegar, depois de conduzido por outros intermediários, às mãos dos atacadistas dos grandes centros consumidores, em geral estabelecidos nas **Centrais de Abastecimento Estaduais.** É, então, distribuído à rede varejista, integrada, dentre outros estabelecimentos, por feiras livres, supermercados e mercearias, para revenda aos consumidores finais. Quanto à participação da produção entregue às cooperativas, constata-se, com base em informações contidas no **Censo Agropecuário de 1980,** que apenas 4% da produção tem esse destino. É interessante observar que os **Mercados do Produtor,** também conhecidos como **Mercados Expedidores de Origem** ou **Pré-Ceasas,** apresentam a vantagem de reduzir os custos de frete, através da formação de *pools* de transporte até os terminais atacadistas, além de atenuarem os chamados **passeios de mercadorias,** que consistem em fazer retornar ao local de origem as mercadorias adquiridas nas **Ceasas.**



QUADRO 06 – BRASIL – ESTADOS SELECIONADOS – VARIAÇÕES PERCENTUAIS(*) DOS PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE CEBOLA – 1980 A 1984

MÊS	SÃO PAULO				RIO GRANDE DO SUL				SANTA CATARINA				PERNAMBUCO				BAHIA			
	1980/81	1981/82	1982/83	1983/84	1980/81	1981/82	1982/83	1983/84	1980/81	1981/82	1982/83	1983/84	1980/81	1981/82	1982/83	1983/84	1980/81	1981/82	1982/83	1983/84
Jan	–28[1]	278	186	96[1]	–36[1]	176	253	35[1]	–57[1]	303	123[1]	80[1]	–23[1]	302	2[1]	190[1]	–38[1]	297	36[1]	168[1]
Fev	–39[1]	281	200	123[1]	–47[1]	304	174	74[1]	–43[1]	330	161	86[1]	–1[1]	250	1[1]	360	–14[1]	185	49[1]	346
Mar	–30[1]	418	156	120[1]	–37[1]	342	198	231	–27[1]	305	147	207[1]	58[1]	170	66[1]	376	85[1]	81[1]	92[1]	356
Abr	13[1]	295	104[1]	364	–26[1]	274	200	321	–21[1]	288	132	263	104[1]	110	103[1]	348	65[1]	101	135	234
Mai	–10[1]	524	14[1]	418	–44[1]	734	–2[1]	418	–40[1]	442	88[1]	226[1]	31[1]	275	43[1]	313	56[1]	180	220	115[1]
Jun	–48[1]	418	94[1]	210[1]	–60[1]	845	–15[1]	441	–55[1]	834	45[1]	182[1]	–47[1]	451	84[1]	182[1]	29[1]	102	156	125[1]
Jul	–68[1]	893	129[1]	26[1]	–72[1]	1.198	–20[1]	478	–64[1]	797	55[1]	173[1]	–68[1]	1.078	94[1]	106[1]	–6[1]	275	141[1]	52[1]
Ago	–42[1]	815	207	6[1]	–82[1]	1.751	–23[1]	495	–63[1]	647	119[1]	84[1]	–14[1]	530	122[1]	77[1]	17[1]	311	140[1]	60[1]
Set	–21[1]	667	158[1]		–82[1]	1.770	–17[1]	450	–56[1]	611	123[1]	84[1]	10[1]	501	134[1]	55[1]	40[1]	329	141[1]	64[1]
Out	178	421	71[1]		–58[1]	791	–18[1]		–40[1]	493	128[1]		26[1]	252	95[1]		69[1]	275	87[1]	
Nov	397	146	53[1]		–61[1]	769	25[1]		21[1]	292	89[1]		161	69[1]	70[1]		192	101	103[1]	
Dez	271	141	49[1]		10[1]	234	12[1]		209	121	65[1]		304	3[1]	62[1]		232	50[1]	116[1]	
MÉDIA	2[1]	369	104[1]		–56[1]	665	20[1]		–36[1]	428	98[1]		28[1]	224	78[1]		50[1]	174	125[1]	

FONTE – FGV/IBRE/CEA.

[1] **Variações inferiores às da inflação medida pelo IGP–DI.**

(*) **As variações percentuais referem-se aos preços correntes, no período de um ano, tomadas mês a mês.**

No atacado, as oscilações dos preços das olerícolas, particularmente da cebola, são, em geral, função inversa das variações sazonais das quantidades comercializadas, decorrentes da disponibilidade dos produtos nas zonas produtoras, ou, ainda, do suprimento diário nos entrepostos grossistas, o qual pode ser manipulado por agentes de mercado, com o objetivo de aumentar as cotações. Além desses fatores, o alto grau de perecibilidade desses produtos e as variações das taxas inflacionárias também influenciam o nível de preços das olerícolas.



Analisando o comportamento dos principais mercados atacadistas das Regiões Sudeste, Sul e Nordeste no período de janeiro de 1980 a agosto de 1984, constata-se que, embora ocorram significativas disparidades regionais com relação às quantidades médias anuais comercializadas, as médias anuais dos preços, apesar de um pouco mais elevadas no Nordeste, não apresentam acentuadas divergências (ver Quadros 07 a 12). Nas regiões Sudeste e Sul (ver Gráficos 02 e 03, divididos em partes **A** e **B** e colocados sobrepostos para facilitar a visualização), devido a menor distância e grande troca de informações entre os mercados, as variações estacionais dos preços processam-se muitas vezes quase simultaneamente. Detectam-se os preços mais elevados em geral nos meses de maio a julho, quando ocorre a entressafra no Sul do país e o mercado é normalmente abastecido pela safra de **bulbinhos**, provenientes do município paulista de Piedade (note-se que, no caso de uma superprodução na região Sul, como aconteceu em 1981, ou da atual coincidência das safras nordestina e paulista, o mercado passa a atuar de modo diferente). Já no Nordeste, o pico de preços altos verifica-se notadamente entre janeiro e maio, período correspondente à entressafra na região do Vale do São Francisco.

QUADRO 07 – CEBOLA – EVOLUÇÃO DA QUANTIDADE COMERCIALIZADA NOS MERCADOS ATACADISTAS DE SÃO PAULO E DO RIO DE JANEIRO – JANEIRO DE 1980 A AGOSTO DE 1984
(em t)

MÊS	Ceagesp–ET/SÃO PAULO					Ceasa/RJ–RIO DE JANEIRO				
	1980	1981	1982	1983	1984	1980	1981	1982	1983	1984
Janeiro	4.268	4.216	4.987	5.133	5.246	3.300	3.975	4.195	4.284	4.089
Fevereiro	3.733	4.116	4.532	3.883	4.474	3.411	3.819	2.941	3.671	4.423
Março	4.061	4.726	4.825	4.579	4.909	3.563	4.184	3.823	4.438	3.683
Abril	4.428	4.507	4.077	4.170	3.783	3.399	3.947	3.294	3.059	3.271
Maio	3.683	4.103	3.809	4.782	3.986	3.085	4.339	2.680	3.906	3.673
Junho	2.609	5.084	4.618	4.775	5.261	2.888	4.194	3.295	3.642	4.556
Julho	3.815	5.122	5.165	5.176	5.989	3.903	4.509	4.059	4.360	5.821
Agosto	3.800	5.307	4.736	5.419	5.602	4.321	4.467	3.916	4.370	4.853
Setembro	3.926	5.597	4.301	5.010		4.251	4.411	3.689	4.238	
Outubro	3.815	5.253	3.874	5.340		4.463	4.612	3.794	4.580	
Novembro	3.905	4.663	4.491	5.487		4.181	3.615	4.031	4.672	
Dezembro	3.756	5.038	4.253	4.653		4.458	4.118	4.564	4.479	
MÉDIA	3.817	4.811	4.472	4.867		3.769	4.183	3.690	4.142	

FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal– Minagri.

QUADRO 08 – CEBOLA – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS[1] NOS MERCADOS ATACATISTAS DE SÃO PAULO E DO RIO DE JANEIRO – JANEIRO DE 1984 A AGOSTO DE 1984
(Cr$/t)

MÊS	Ceagesp–ET/SÃO PAULO					Ceasa/RJ–RIO DE JANEIRO				
	1980	1981	1982	1983	1984	1980	1981	1982	1983	1984
Janeiro	783.602	246.137	384.572	463.277	337.103	785.182	279.266	460.223	434.115	318.262
Fevereiro	685.067	232.756	482.207	637.384	415.285	791.268	291.555	562.150	596.505	365.327
Março	656.780	370.781	687.923	693.016	809.181	772.584	420.137	792.755	779.567	808.612
Abril	907.856	335.865	1.013.997	663.796	1.050.097	1.027.686	450.200	1.020.712	848.611	1.027.165
Maio	876.046	324.630	1.284.221	592.247	1.012.875	993.274	395.017	1.552.890	704.511	1.130.273
Junho	1.592.614	289.207	866.361	914.626	563.625	1.595.708	335.934	1.127.196	1.019.837	653.591
Julho	1.160.050	168.141	730.919	929.095	275.044	1.269.711	226.553	761.136	944.491	236.160
Agosto	673.125	196.391	649.501	777.587	289.796	682.191	222.234	647.736	782.990	276.995
Setembro	532.394	212.923	741.070	621.870		508.235	216.341	802.467	646.403	
Outubro	458.605	369.030	874.797	379.189		460.371	393.702	983.733	459.492	
Novembro	264.612	465.398	529.007	244.924		312.171	564.342	645.588	335.304	
Dezembro	218.422	412.921	454.743	258.529		268.682	544.647	463.323	295.671	
MÉDIA	734.098	302.015	724.943	597.962		788.922	361.661	818.326	653.958	

FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal– Minagri.
[1] **Valores corrigidos pelo IGP–DI, Coluna 2 de Conjuntura Econômica, para julho de 1984.**

QUADRO 09 – CEBOLA – EVOLUÇÃO DA QUANTIDADE COMERCIALIZADA NOS MERCADOS ATACADISTAS DE PORTO ALEGRE E CURITIBA – JANEIRO DE 1980 A AGOSTO DE 1984
(em t)

MÊS	Ceasa/RS–PORTO ALEGRE					Ceasa/PR–CURITIBA				
	1980	1981	1982	1983	1984	1980	1981	1982	1983	1984
Janeiro	1.245	1.248	1.016	1.477	1.130	938	1.398	1.455	1.165	1.132
Fevereiro	973	1.356	1.240	1.120	2.063	1.176	1.521	1.404	1.150	1.462
Março	1.145	1.749	1.220	1.040	1.504	1.357	1.855	1.340	1.298	1.246
Abril	864	1.284	821	995	870	1.179	1.720	1.247	961	691
Maio	841	1.250	645	1.214	774	1.194	1.458	1.052	1.410	1.061
Junho	544	1.066	734	992	1.497	930	1.576	1.456	1.316	1.860
Julho	1.032	1.529	1.368	1.214	1.806	1.327	1.970	2.003	1.429	2.298
Agosto	2.028	1.919	1.592	1.453	2.109	1.591	1.984	1.801	1.708	2.330
Setembro	2.164	2.158	1.504	1.594		1.536	2.165	1.835	1.703	
Outubro	1.856	2.007	998	1.314		1.627	2.085	1.703	1.793	
Novembro	1.505	1.107	955	1.201		1.655	1.420	1.198	1.940	
Dezembro	1.500	1.274	1.022	1.206		1.516	1.640	1.139	1.419	
MÉDIA	1.308	1.496	1.093	1.235		1.336	1.733	1.469	1.441	

FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal– Minagri.

QUADRO 10 – CEBOLA – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS[1] NOS MERCADOS ATACADISTAS DE PORTO ALEGRE E CURITIBA – JANEIRO DE 1984 A AGOSTO DE 1984
(Cr$/t)

MÊS	Ceasa/RS–PORTO ALEGRE					Ceasa/PR–CURITIBA				
	1980	1981	1982	1983	1984	1980	1981	1982	1983	1984
Janeiro	659.990	208.733	348.592	345.718	266.945	467.251	189.556	289.833	406.655	303.001
Fevereiro	624.450	204.596	441.722	435.967	261.215	622.532	175.217	387.156	520.775	400.733
Março	582.577	270.629	662.054	607.021	581.296	570.021	264.005	565.315	669.076	863.297
Abril	768.785	312.395	823.825	565.770	787.200	741.391	288.171	866.123	677.439	987.280
Maio	962.385	261.204	1.237.645	553.192	851.908	824.801	229.103	1.300.792	624.282	1.051.643
Junho	1.289.855	297.278	1.076.700	904.337	746.822	1.459.656	280.295	937.595	905.320	728.995
Julho	1.421.091	205.944	933.981	912.357	409.130	1.251.234	204.712	777.201	1.004.247	372.660
Agosto	830.151	231.896	742.259	862.978	340.871	706.447	204.495	654.956	779.676	324.536
Setembro	702.603	236.245	738.931	822.757		546.274	210.026	837.268	639.232	
Outubro	553.194	787.141	988.097	658.034		435.761	716.480	866.518	361.832	
Novembro	392.515	572.709	674.289	448.455		233.818	488.963	587.464	254.224	
Dezembro	247.545	446.911	400.904	211.941		183.192	347.250	415.123	249.912	
MÉDIA	752.928	336.307	755.750	610.711		670.198	299.856	707.112	591.056	

FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal– Minagri.
[1] Valores corrigidos pelo IGP–DI, Coluna 2 de Conjuntura Econômica, para julho de 1984.

QUADRO 11 – CEBOLA – EVOLUÇÃO DA QUANTIDADE COMERCIALIZADA NOS MERCADOS ATACADISTAS DE RECIFE E SALVADOR – JANEIRO DE 1980 A AGOSTO DE 1984
(em t)

MÊS	Ceasa/PE – RECIFE					Ceasa/BA – SALVADOR				
	1980	1981	1982	1983	1984	1980	1981	1982	1983	1984
Janeiro	833	1.089	1.058	1.200	1.149	619	669	736	828	648
Fevereiro	698	972	875	990	1.145	543	464	673	611	711
Março	990	1.132	1.158	1.148	1.021	775	794	841	766	626
Abril	480	833	831	1.008	784	485	713	441	628	501
Maio	583	827	830	1.201	837	627	659	594	761	632
Junho	759	1.131	792	809	1.048	499	636	506	624	598
Julho	888	1.062	824	954	1.364	560	534	674	571	908
Agosto	921	1.383	1.129	919	1.230	538	761	571	674	900
Setembro	1.047	1.090	811	780		568	599	545	586	
Outubro	899	1.107	913	978		508	599	606	693	
Novembro	901	1.020	1.185	1.041		746	680	797	665	
Dezembro	1.366	1.373	1.206	1.245		677	777	724	625	
MÉDIA	864	1.085	968	1.023		595	657	642	669	

FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal– Minagri.

QUADRO 12 – CEBOLA – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS[1] NOS MERCADOS ATACADISTAS DE RECIFE E SALVADOR – JANEIRO DE 1980 A AGOSTO DE 1984
(Cr$/t)

MÊS	Ceasa/PE – RECIFE					Ceasa/BA – SALVADOR				
	1980	1981	1982	1983	1984	1980	1981	1982	1983	1984
Janeiro	924.321	362.208	572.205	467.244	403.746	1.007.627	300.205	563.634	350.132	371.929
Fevereiro	832.571	405.799	603.037	604.591	675.745	914.954	370.305	482.822	502.309	580.826
Março	885.793	639.763	873.219	807.555	1.071.975	811.465	634.369	756.579	711.501	1.043.303
Abril	893.010	731.552	1.045.444	966.339	1.207.040	840.597	518.008	965.359	894.919	1.360.413
Maio	1.038.862	629.070	1.433.845	750.117	1.024.420	1.083.744	523.896	1.312.555	655.504	1.109.290
Junho	1.456.141	395.923	1.020.565	846.821	551.600	1.370.151	329.222	878.481	788.437	571.016
Julho	1.059.821	212.054	718.596	713.173	250.000	858.976	204.697	816.817	720.525	258.970
Agosto	539.022	227.656	774.110	640.280	253.120	597.599	210.307	629.159	652.169	247.479
Setembro	379.118	188.914	770.882	531.175		379.866	153.484	852.381	512.121	
Outubro	342.376	789.799	828.713	346.625		370.196	612.791	840.047	339.264	
Novembro	304.510	692.171	580.148	223.700		257.249	759.020	531.834	229.405	
Dezembro	278.993	726.878	453.755	236.746		222.320	864.611	360.819	190.863	
MÉDIA	744.545	500.149	806.210	594.531		726.229	456.743	749.207	545.596	

FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal– Minagri.
[1] Valores corrigidos pelo IGP–DI, Coluna 2 de Conjuntura Econômica, para julho de 1984.

REGIÃO SUDESTE – QUANTIDADE COMERCIALIZADA (t) E PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS* (Cr$ 1000/t)
NOS PRINCIPAIS MERCADOS ATACADISTAS

JAN/80 A AGO/84

GRÁFICO 02 –A

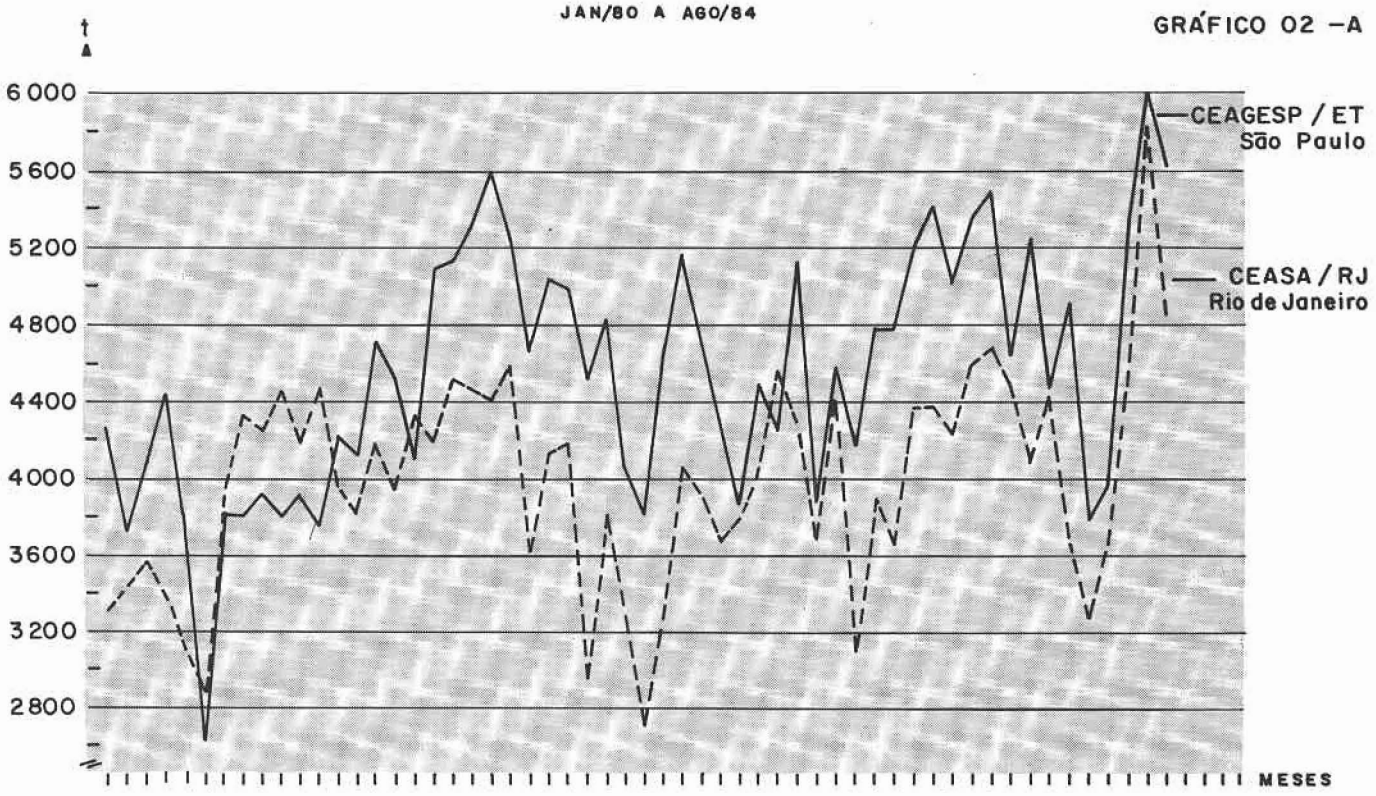
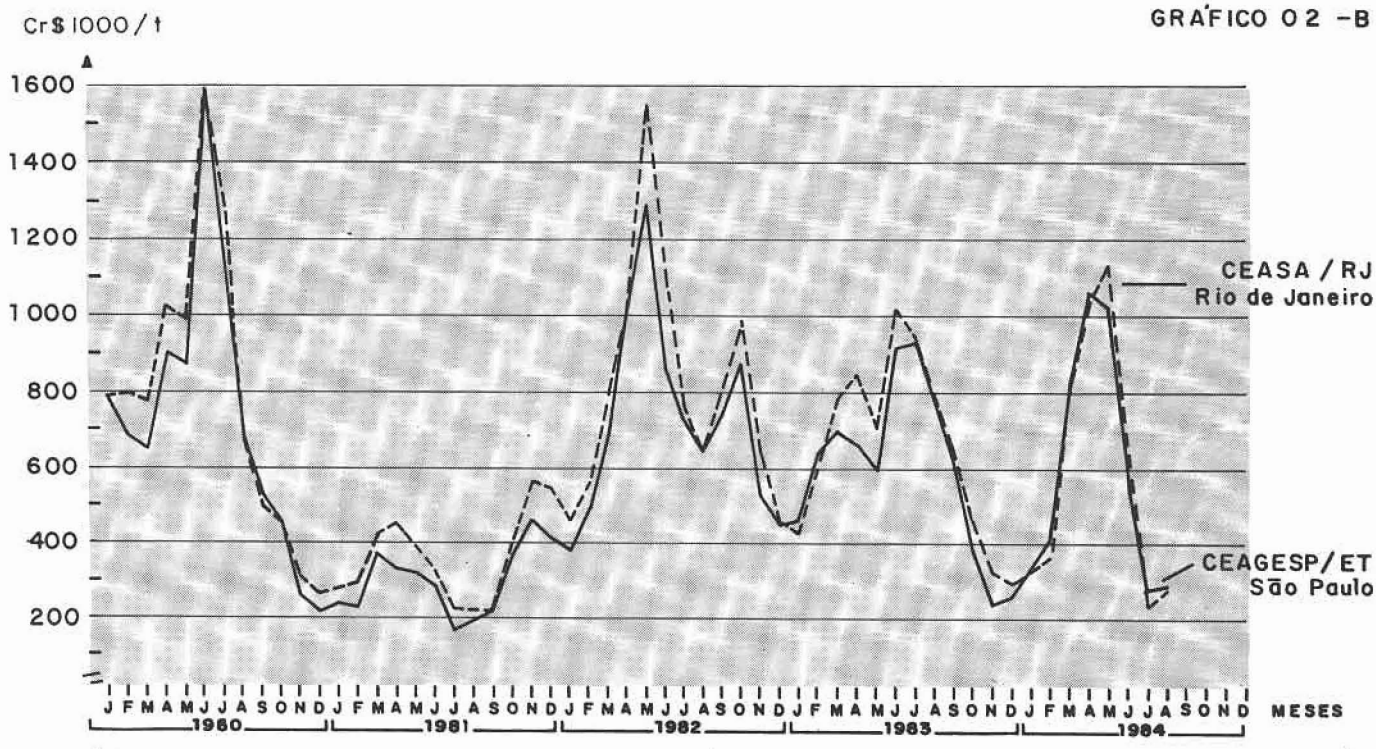


GRÁFICO 02 –B



* Valores corrigidos pelo IGP–DI, Coluna 2 de Conjuntura Econômica, para julho de 1984.
FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal – Minagri.

REGIÃO SUL – QUANTIDADE COMERCIALIZADA (t) E PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS* (Cr$ 1000/t)
NOS PRINCIPAIS MERCADOS ATACADISTAS
JUN/80 A AGO/84

GRÁFICO 03 – A

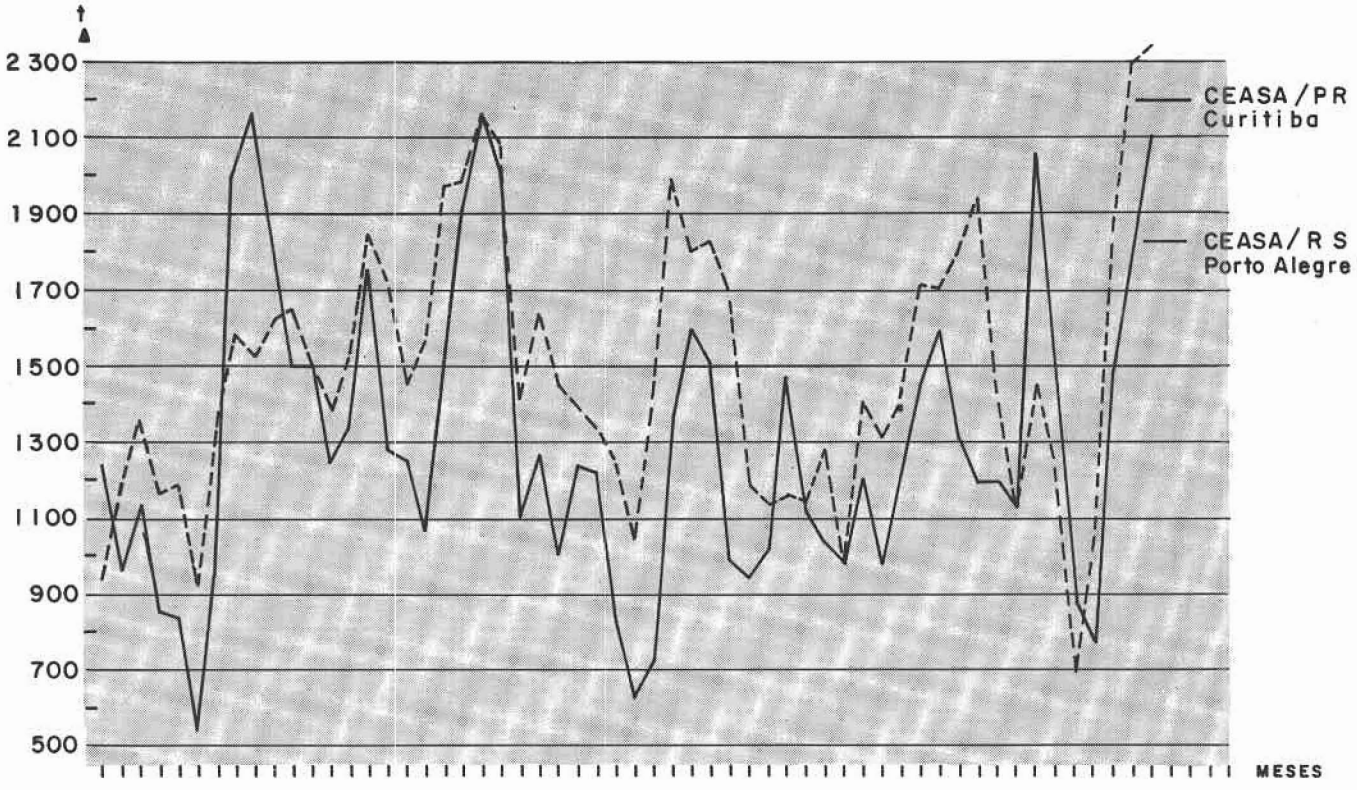
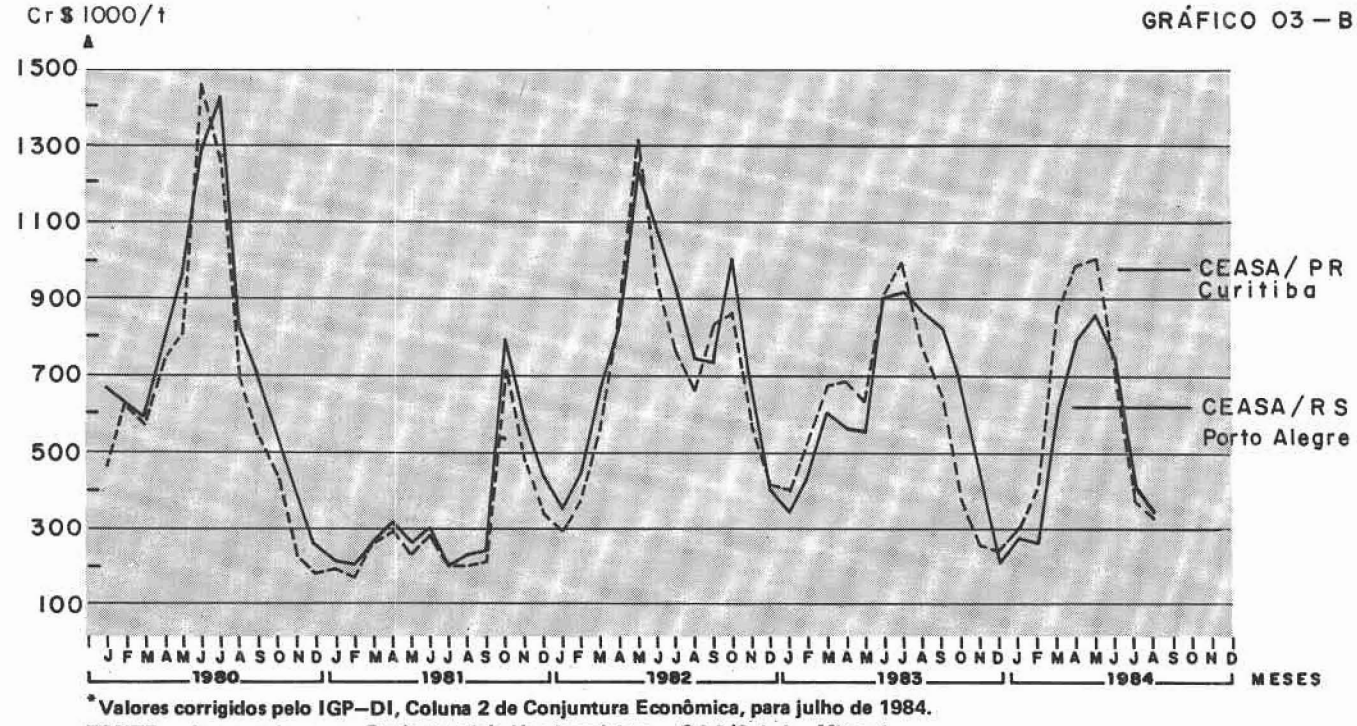


GRÁFICO 03 – B



*Valores corrigidos pelo IGP–DI, Coluna 2 de Conjuntura Econômica, para julho de 1984.
FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal – Minagri.

QUADRO 13 – ESTIMATIVA DA APROPRIAÇÃO MENSAL E ANUAL (%) DOS GANHOS DO PRODUTOR, ATACADISTA E VAREJISTA NO VALOR TOTAL COMERCIALIZADO NO ESTADO DE SÃO PAULO – JANEIRO DE 1980 A AGOSTO DE 1984

MÊS	1980			1981			1982			1983			1984		
	PRODU-TOR	ATACA-DO	VARE-JO	PRODU-TOR	ATACA-DO	VARE-JO	PRODU-TOR	ATACA-DO	VARE-JO	PRODU-TOR	ATACA-DO	VARE-JO	PRODU-TOR	ATACA-DO	VARE-JO
Jan	18	30	52	18	27	55	23	28	49	24	25	51	22	26	52
Fev	26	27	47	19	25	56	22	31	47	24	29	47	25	30	45
Mar	26	27	47	12	22	66	23	30	47	26	28	46	17	31	52
Abr	20	33	47	22	25	53	20	35	45	24	28	48	23	30	47
Mai	25	28	47	23	25	52	24	32	44	15	18	67	23	29	48
Jun	24	32	44	24	25	51	23	27	50	21	31	48	24	23	53
Jul	21	28	51	17	22	61	29	32	39	21	30	49	21	24	55
Ago	20	30	50	17	27	56	24	28	48	24	28	48	21	27	52
Set	20	29	51	18	28	54	22	29	49	22	28	50			
Out	13	32	55	23	32	45	23	30	47	24	23	53			
Nov	17	26	57	26	28	46	25	24	51	24	22	55			
Dez	20	25	55	22	27	51	21	24	55	21	28	51			
MÉDIA	21	30	49	20	26	54	23	29	48	22	27	51			

FONTE DOS DADOS BÁSICOS – FGV/IBRE/CEA, Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal e IEA/SP.

No mercado varejista, enfocado no estado de São Paulo (principal produtor e consumidor), as cotações no período de janeiro de 1980 a agosto de 1984 refletem as oscilações dos preços no nível do produtor e no atacado, embora o grande número de intermediários tenda a retardar um pouco o efeito – preço no varejo, decorrente de um excesso ou de uma retração da oferta. Com relação às participações percentuais de cada um dos três segmentos do processo de comercialização no valor total comercializado, observa-se, no Quadro 13, que os varejistas absorvem os maiores ganhos desse processo, detendo, algumas vezes, mais da metade desse valor, enquanto os produtores ficam com a menor parte.

No que se refere à industrialização, os dados do **Censo Agropecuário de 1980** mostram que apenas 1% da produção é entregue diretamente pelos produtores a esse segmento. Além de pequenas indústrias, que beneficiam cebola para fabricação de picles, temperos em pasta e outros produtos semelhantes, indústrias maiores realizam a desidratação e a composição de alimentos. As principais são: a **Progasa** (Produtos Gaúchos Sociedade Anônima), localizada no Município de São José do Norte (RS), a **Nestlé**, em São José do Rio Pardo (SP) e a **Compal**, em Jaraguá do Sul (SC). A industrialização da cebola é de grande importância, na medida em que reduz o tempo de armazenamento do produto *in natura*, mas encontra vários entraves ao seu desenvolvimento, relacionados, sobretudo, com a falta de variedades adequadas para processamento, principalmente as cultivadas no Nordeste.

Com o propósito de evitar crises no abastecimento e reduzir as oscilações dos preços, foi instituído o **Plano Nacional de Produção e Abastecimento de Cebola** para o período 1980–84, enfatizando a produção de sementes e visando à sucessão solidária das safras, através do plantio das variedades mais indicadas nas diversas regiões produtoras. Embora se propondo a controlar o escalonamento do plantio por meio do crédito rural, bem como a contemplar com o seguro agrícola as lavouras e programar as compras por parte do governo federal para a absorção de excedentes (dentre outros benefícios), esse **Plano** ainda não atingiu seus objetivos. Apesar de o país vir atingindo a auto-suficiência, inúmeros outros problemas persistem. Por exemplo, no início do próximo ano, é possível que ocorram crises no abastecimento interno, devido ao atraso na colheita da região Sul, provocado pelo excesso de chuvas durante a fase de plantio.

Seria muito importante aumentar o emprego, notadamente no Nordeste, de variedades menos perecíveis e, além disso, ampliar o armazenamento do produto, o que inclui a conservação da cebola sob refrigeração. A aquisição da cebola na época da safra, quando os preços são mais reduzidos, visando a revendê-la na entressafra, beneficiaria tanto os produtores como os consumidores.

(JANET FAJARDO ZAIDHAFT,
economista do Centro de Estudos
Agrícolas – FGV)